



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Gaspar, Nádea Regina; Cid Gigante, Luciara; do Carmo Schützer, Lilia
Discurso, sujeito e mídia em Foucault: o véu na mulher muçulmana
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 33, núm. 2, 2011, pp. 217-229
Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426648006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Discurso, sujeito e mídia em Foucault: o véu na mulher muçulmana

Nádea Regina Gaspar*, Luciara Cid Gigante e Lilia do Carmo Schützer

Universidade Federal de São Carlos, Rod. Washington Luiz, Km 235, 13565-905, São Carlos, São Paulo, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: nagaspar@terra.com.br

RESUMO. O objetivo deste trabalho é compreender os discursos sobre o modo de ser das mulheres muçulmanas que circularam na revista “Veja on-line” no período de 1995 a 2005, tendo em vista a relação do verbal com o não verbal, cujo signo que se apresentou constante inicialmente entre elas foi o véu. Para tanto, valemo-nos das seguintes noções foucaultianas, no que diz respeito ao seu entendimento sobre o princípio de “sujeito”: a) “sujeito e poder”, cujo enfoque corresponde à articulação dos sujeitos às estratégias de poder; e b) “sujeito e mídia”, dada a influência da mídia como reconhecimento de práticas discursivas na construção e representação de identidades. A pesquisa revelou como resultado três pronunciamentos discursivos distintos, apresentados pela mídia neste período, de sujeitos femininos que usam o véu: um que a divulgou como mãe; outro que a viu como figura pública e moderna; e, ainda outro, que a percebeu na sua dimensão política.

Palavras-chave: análise do discurso, enunciado, identidade.

ABSTRACT. Discourse, subject and media in Foucault: the veil on muslim women. The aim of this work is to understand the discourses circulated on the “Veja on-line” magazine during the years of 1995 through 2005 on the way of being of the Muslim women, in view of the relationship between the verbal and the nonverbal, whose sign, at first, that appeared constant among them was the veil. For that, we make use of following Foucauldian notions, in respect to their understanding of the principle of the “subject”: a) “subject and power”, whose approach identifies the subject's power strategies; and b) “subject and the media”, given the influence of the media in the recognition of the discursive construction and the representation of identities. This research revealed as a result three separate statements of the subjects which are women wearing the veil in the media during this period: one showing it as a mother, another which saw it as a public and modern person, and yet another that saw its political dimension.

Keywords: discourse analysis, statement, identity.

Introdução

A leitura e a análise isolada de textos midiáticos impressos que também se inseriram, na atualidade, na modalidade “textos virtuais”, comprovam que esses textos têm obtido, cada vez mais, consideráveis êxitos junto a seus leitores, na compreensão das notícias informativas por eles veiculadas. Julgamos que isso se deve, dentre outras razões, aos pré-requisitos da prática jornalística atual, como exposto por Barbosa (2004, p. 113): “a prática midiática deve, em princípio, apurar os fatos, checar as fontes, considerar as versões conflitantes e contrapor opiniões divergentes, tomar uma distância tal que possa ter uma visão geral e, ao mesmo tempo, profunda dos fatos”. O fato, o ocorrido, o acontecimento real, deste modo, sempre foi um dos motivos cardinais para o noticiário na mídia impressa e *on-line*, e, sem dúvidas, uma das suas funções é a de apresentá-los na modalidade de

textos, de um modo que o leitor o considere “verdadeiro”. Para tal fim, a mídia conta hoje com tecnologias avançadas, buscando relacionar na escritura jornalística o verbal e o não verbal, mediante normas de redação e editoração, adequando-as em tipologias e gêneros textuais ao suporte que se vinculam. Tendo em vista, por um lado, o fato jornalístico, e por outro, uma revista semanal de grande circulação nacional, por exemplo, é que se compreende que o leitor que acompanhe o desenrolar de um fato ocorrido semana a semana, possa se apropriar de informações relevantes, precisas, didáticas e relativamente exaustivas sobre o mesmo.

Sob o olhar da Análise do Discurso, a homogeneidade do fato no decorrer das notícias semanais pode revelar outros acontecimentos, também relevantes, mas, às vezes, não tão espetacularmente declarados em notícias de capas e conteúdos centrais midiáticos. Para acentuar o que

afirmamos ao se observar um acervo de revistas periódicas semanais, impressas ou na *web* em um período de tempo relativamente longo, por exemplo, dez anos, e ao se analisar com critério o modo como um determinado fato veio se apresentando como tema central em várias edições da revista, tendo-se em vista a relação do verbal com o não verbal, o analista obterá resultados nas análises que revelam que a mídia funciona como “operadora de práticas históricas” (DE CERTEAU, 1998), “operadora de memória” (DAVALLON, 1999; LE GOFF; NORA, 1986), e que ela institui “práticas” que formam “objetos discursivos” (FOUCAULT, 1995).

Diante do exposto é que nos detemos, no início desta pesquisa, ao acontecimento conflitante de cunho político-religioso ocorrido nos Estados Unidos da América, em 11 de setembro de 2001, ocasionado pelo ataque terrorista dos muçulmanos às torres gêmeas do *World Trade Center* – considerado o coração das atividades financeiras em *Lower Manhattan* –, em Nova Iorque. As análises foram realizadas na revista semanal “Veja *on-line*”, no período compreendido entre 1995 e 2005. Esclarecemos que a opção que fizemos por esse recorte temporal deve-se ao fato de essa revista veicular, nas capas ou internamente, antes mesmo do acontecimento de setembro de 2001, diversas notícias sobre questões relacionadas ao tema dos muçulmanos, derivando disso o início das nossas análises em 1995.

Se, no início da pesquisa, a nossa atenção estava voltada para esse tema, do atentado às torres gêmeas americanas, em um segundo momento, no movimento das análises, o que nos chamou a atenção foram outros fatos que giraram em torno desses dizeres sobre tal acontecimento. Isto porque, durante esse período, a revista revelou diversas imagens de mulheres muçulmanas usando véus e, neste contexto, esse signo imagético nos intrigou, a ponto de desviarmos o olhar do acontecimento central “o ataque terrorista dos muçulmanos aos EUA” para outro foco: “o véu na mulher muçulmana”. Embora as reportagens tratem do tema em si, depois do ocorrido a mídia começou a evidenciar imageticamente as mulheres muçulmanas em diversos contextos e gêneros (reportagens, publicidade, notas etc.), e neste movimento de leitura e análise, algumas questões nos intrigavam, tais como: por que a apresentação de tantas mulheres muçulmanas nas imagens?; será que o grande impacto que o acontecimento obteve na mídia incidiu para que a revista explorasse também o contexto feminino dos países em conflito?; por que

o uso de véus com características diferentes entre si, sendo usados por mulheres que, aparentemente, pareciam tão iguais? Neste sentido, vale lembrar Foucault (1995, p. 112), quando afirma que “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”. Assim, embora reiteradamente a mídia enunciasse em suas páginas centrais o ocorrido nos EUA em 11 de setembro, também de um modo incisivo, via texto e não verbal, a revista enunciou reiteradamente o modo de ser das mulheres muçulmanas, como veremos nas análises.

O objetivo deste trabalho, portanto, é o de compreender os discursos sobre o modo de ser das mulheres muçulmanas, que circularam na revista “Veja *on-line*”, no período de 1995-2005, tendo em vista a relação do verbal com o não verbal, cujo signo que se apresentou constante inicialmente sobre elas foi o véu. Para tanto, valemo-nos da teoria discursiva de Michel Foucault, particularmente no que diz respeito à sua compreensão sobre o princípio de sujeito e o observamos sob as seguintes óticas: a) “sujeito e poder”, cujo enfoque corresponde à articulação dos sujeitos às estratégias de poder; e b) “sujeito e mídia”, dada a influência da mídia como reconhecimento de práticas discursivas na construção e representação de identidades.

Esperamos, com este trabalho, ao analisar a relação das palavras com as imagens em um veículo brasileiro de comunicação de massa, demonstrar por meio de enunciados discursivos os movimentos de produção de sentidos sobre os modos como as identidades da mulher muçulmana vêm sendo projetada na mídia, cujo olhar também constrói as identidades de leitores e analistas. Para tanto, iniciaremos com o entendimento de Foucault sobre o sujeito, aplicando-o nas análises midiáticas para, posteriormente, tecermos nossas ponderações finais.

O olhar de Foucault sobre o sujeito

Antes de nos determos na noção de sujeito em Foucault, há dois princípios desse autor que se inserem nessa noção e foram igualmente necessários para este trabalho: “prática discursiva” e “acontecimento discursivo”, sendo que esse último será destacado mais adiante.

Foucault explicita:

O que se chama “prática discursiva” pode ser agora precisado. Não podemos confundi-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma idéia, um desejo, uma imagem; nem com atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a “competência” de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas,

históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiriam, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 1995, p. 136).

Para Foucault, os discursos são “práticas discursivas” e essas, além de serem “determinadas no tempo e no espaço”, definem “as condições de exercício da função enunciativa”. O autor explicita sua formulação sobre a “função enunciativa”, quando diz:

É uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regras se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação [...] o enunciado [...] não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 1995, p. 99).

Arelando, portanto, o enunciado a uma função existencial, Foucault indica o caminho ao analista, já que o enunciado seja identificado e apreendido no início da leitura e análise, ou seja, por meio da estática singular dos signos, que são observados em um tempo e espaço delimitados nos textos e em torno de teorias e regras específicas que contemplem as análises. Foucault, porém, não vincula essa função somente aos signos. A função enunciativa, para o teórico, entendida em seu modo existencial, é sim apreendida e se inicia na análise nas particularidades dos signos, e se estende e se relaciona, no movimento dinâmico da análise discursiva, a outros enunciados que irão compor ou não as análises, revelando, assim, “de que são signos”¹.

Para se encontrar a função enunciativa é que Foucault (1995) propõe regras que a identificam, quais sejam: a série, o campo associado, as materialidades e o sujeito. Identificando o enunciado, o analista os agrupa em formações discursivas, constituindo, assim, o sistema de arquivo. Portanto, a noção de “sujeito” é uma das

noções que Foucault propôs, mas diante da importância deste conceito, do modo como esse teve desdobramentos em toda a obra desse teórico, e também da repercussão posterior desse princípio, por diversos teóricos posteriores (ARAÚJO, 2001; DELEUZE, 1998; FONSECA, 2003; GREGOLIN, 2007) que nele se detiveram, o tomamos como princípio central em nossas análises.

A noção de sujeito está presente no pensamento de Foucault desde o início dos seus escritos, como explicita Deleuze (1998), uma vez que, o objeto central das pesquisas de Foucault, como filósofo, sempre foi o que o homem disse e o que disseram sobre ele, via discursos. Deste modo, o teórico percebeu o sujeito em três momentos ou fases distintas. No momento da “Arqueologia do saber” (1961-1969), o autor se destinou a investigar o surgimento das ciências humanas, a partir da articulação da ciência e dos saberes, ou seja, Foucault procurou compreender como o homem se constituiu, enquanto objeto e sujeito do/no conhecimento. Na segunda fase (1970-1979), o filósofo direcionou suas pesquisas para aspectos mais políticos, realizando a chamada “Genealogia do poder”, e como se pode observar em seus escritos ele se deteve com os efeitos coercitivos das práticas institucionais do poder sobre o sujeito. No terceiro momento (1980-1984), suas reflexões sobre o sujeito incidiram para as perspectivas da “Ética e dos cuidados de si”, e nele, Foucault se ocupou com as relações intersubjetivas, por meio das quais o sujeito busca o seu modo de ser e pelas quais ele exerce a sua liberdade. Certamente que os estudos sobre o sujeito não foram pensados de modo isolado por ele, contudo, derivado da sua responsabilidade em elaborar uma teoria de análise. Na teoria arqueológica, o filósofo pontuou e solidificou, ao longo da sua obra, dentre outras, também essa noção. Deste modo, a noção de sujeito, para o autor, vincula-se ao modo como se analisam discursos e como esses se relacionam a questões referentes ao “saber”, ao “poder” e aos “cuidados de si”.

Cabe salientar que, neste trabalho, nos concentramos na primeira e na segunda fase dos estudos de Foucault (1999), quando ele afirma que as formas individualizantes de poder separam os indivíduos em categorias e os fixa à sua própria identidade, transformando-os em sujeitos.

Um dos pontos-chave da teoria foucaultiana é, portanto, a concepção não somente subjetiva e não somente antropológica do sujeito, dado que ele está submetido a saberes e poderes quando os enuncia. Deste modo, se por um lado, quem enuncia fala “por si”, derivando disso posicionamentos

¹Foucault foi prudente quando tratou de estudos referentes às teorias sobre o signo, uma vez que, como se observa, por exemplo, pela citação acima, e também em toda a extensão de sua obra, em momento algum ele sugere que o analista não recorra inicialmente a essas teorias para compor as análises. Contudo, seu olhar se voltou para a construção da teoria arqueológica, e nesta direção ele implantou regras que se iniciam pelos signos, mas que se estendem para a análise do discurso. O teórico também não teve a pretensão de sugerir que sua teoria esgotasse as análises; ao contrário, os discursos, para esse teórico, são observados no movimento constante do trabalho do analista com vistas à dispersão, às lacunas, aos procedimentos e mecanismos de controle, exclusão, silenciamentos. Deste modo, também a nossa pretensão com este trabalho é demonstrar uma das vias possíveis de análise discursiva, observando, na análise midiática, um dos princípios propostos por Foucault, a noção de “sujeito”, e de modo algum pretendemos esgotar as análises, inclusive porque, devido à natureza deste trabalho, há espaços limitados em sua extensão.

subjettivos, por outro, esse “si” carrega consigo, quando enuncia, diversos posicionamentos de outros tantos de sua época. A proposta de Foucault, portanto, como explicita Florence é a de determinar,

[...] o que deve ser o sujeito, a que condições ele está submetido, qual o seu status, que posição deve ocupar no real ou no imaginário para se tornar sujeito legítimo deste ou daquele tipo de conhecimento; trata-se de determinar seu modo de subjetivação. [...] Mas, a questão é também e ao mesmo tempo determinar em que condições alguma coisa pôde se tornar objeto para um conhecimento possível, como ela pôde ser problematizada como objeto a ser conhecido, a que procedimento de recorte ela pôde ser submetida, que parte dela própria foi considerada pertinente. [...] Essa objetivação e subjetivação não são independentes uma da outra, do seu desenvolvimento mútuo e de sua ligação recíproca se originam o que se poderia chamar de “jogos de verdade” (FLORENCE, 2004, p. 235).

O sujeito, assim, é considerado por Foucault no movimento discursivo, no jogo de reciprocidade entre a subjetivação e a objetivação. Subjetivação, pois ele ocupa posições, *status*, legitimidades que lhe competem “dizer” o que fala, e não outro em seu lugar. Mas, ao mesmo tempo, o sujeito é objetivado, pois está inserido em um determinado tempo e espaço cultural, social, educacional, político e histórico que lhe permitem apreender determinados conhecimentos e saberes, reforçando ou negando a sua posição de sujeito. Para Foucault, são nessas relações intercambiáveis do sujeito, que se revelam nos discursos, que também se pode apreender “a verdade de cada época”. Devido a isso é que o teórico expõe que,

O sujeito do enunciado é um lugar determinado e vazio que pode ser ocupado por indivíduos diferentes, desta maneira, os discursos proferidos por este sujeito estarão sempre imbricados pelas representações do seu tempo e espaço social, em sua concepção, o homem como sujeito e objeto de conhecimento, é resultado de uma produção de sentido, de uma prática discursiva e de intervenções de poder (FOUCAULT, 1995, p. 109).

A noção de sujeito em Foucault não pode estar dissociada da noção de “acontecimento discursivo”, já que é pelas práticas discursivas, que são determinadas pelas práticas sociais, que o ser humano se transforma em sujeito do discurso. Devido a isso, Foucault afirma que quando se faz a supressão sistemática das unidades analíticas inteiramente aceitas, permite-se,

[...] restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento e mostrar que a descontinuidade não é somente um desses grandes acidentes que

produzem uma falha na geologia da história, mas já no simples fato do enunciado; faz-se assim, com que ele surja em sua irrupção histórica; o que se tenta observar é essa incisão que ele constitui [...] um enunciado é sempre um acontecimento (FOUCAULT, 1995, p. 32).

O acontecimento discursivo, então, é visto por Foucault não somente como o acontecimento ocorrido dos fatos que são apresentados, por exemplo, na mídia, mas também nos entornos do tema central, uma vez que a mídia constrói no leitor representações do real, como afirma Gregolin:

Como o próprio nome parece indicar, as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta (GREGOLIN, 2010).

Em relação à mídia enquanto construtora de representações da realidade, e, portanto, de formadora de identidades, Hall (2000) afirma que a construção de identidades diz respeito ao modo como as sociedades têm sido representadas e ao modo como essa representação pode afetar a maneira de cada indivíduo representar a si mesmo. A identidade não é estática, coerente, homogênea e idêntica, pelo contrário, conforme analisa Hall,

As identidades não são nunca unificadas, [...] nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas [...]. É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2000, p. 108-109).

Barbosa (2004) complementa isso, dizendo que:

A identidade vai sendo tecida a partir da memória que emerge em determinados momentos, sempre lembrando que em cada emergência ocorre a produção de um novo sentido. Tendo isso por princípio, a identidade que é construída na prática discursiva da mídia impressa resulta de uma relação sempre descontínua entre o discurso e a história, por isso a identidade não é algo definitivo e acabado. O que existem, na verdade, são práticas de subjetivação que produzem identidades em constante mutação (BARBOSA, 2004).

A multiplicidade de identidades do sujeito, deste modo, ocorre em práticas que revelam as relações entre subjetivação e objetivação, e essas, por sua vez, são encontradas nas análises discursivas. Ao aplicar a

noção de sujeito na análise do nosso *corpus* midiático, compreendemos que também a mídia personaliza as vozes de diversos sujeitos que julgam dizer e veicular “verdades”. Contudo, ao afirmar, no caso, que o sujeito feminino muçulmano é isto ou aquilo, a mídia também opera gerando e formando opiniões, nem sempre verdadeiras, nos leitores. Eis uma das tecnologias de subjetivação de que fala Foucault.

A seguir, averiguaremos enunciados discursivos que revelam o modo como a mídia assim opera, quando apresenta a identidade feminina e suas prováveis implicações na construção da mulher muçulmana, tendo em vista para tanto, o uso do véu.

O discurso sobre a mulher muçulmana na mídia brasileira

Tínhamos, inicialmente, no imaginário de uma lembrança construída por vários dizeres – dentre eles, também o da mídia –, imagens de mulheres muçulmanas cujo uso do véu é frequentemente imposto pelas mãos de uma intolerância patriarcal e misógina² que, representada por algumas facções de radicais fundamentalistas, como os dos talibãs do Afeganistão e os *wahabistas* na Arábia Saudita, manipulam o uso do véu como uma arma de controle e exclusão da mulher.

Isto pode ser constatado quando se observa, por exemplo, alguns versículos do livro *O Alcorão*, cujo texto é considerado de cunho religioso, sagrado, mas que também impõe regras e leis de condutas morais, sociais, políticas etc., aos povos do oriente, sendo que uma delas é sobre o uso da roupa e dos adornos a serem usados pelas mulheres:

E diz às crentes que baixem o olhar e preservem o pudor e não exibam de seus ornamentos, além dos que já aparecem necessariamente. E que abaiem seu véu sobre os seios e não exibam seus adornos senão a seus maridos, ou pais ou sogros ou filhos ou enteados ou irmãos ou sobrinhos ou damas de companhia ou servas ou criados despojados do apelo sexual ou às crianças que nada sabem da nudez da mulher (ALCORÃO, 24:30).

E, ainda, em outro trecho do mesmo texto:

Ó Profeta, recomenda a tuas esposas, tuas filhas e às mulheres dos crentes que, apertem seus véus em volta delas: é mais provável que assim reconhecidas,

evitem ser molestadas. Deus é perdoador e misericordioso (ALCORÃO, 33:59).

Neste estudo, deparamo-nos com o uso constante do véu nas mulheres muçulmanas, e a mídia reitera esses dizeres do livro sagrado, demonstrando o respeito que elas têm por essa lei, como pode ser visto, por exemplo, na imagem que segue (Figura 1).



Figura 1. “Soldados israelenses controlam protesto árabe em Hebron: a capital do ódio”.

Fonte: Waack (1995).

O que se vê na imagem é um sujeito que é uma mulher de meia idade, usando um vestido preto com botões e um véu na cor branca que parece estar preso ao pescoço por um broche ou alfinete. Essa mulher está atrás de outros sujeitos: um jovem adolescente em meio a vários soldados e alguns jornalistas que estão usando filmadoras. A mulher revela aparência desesperada para resgatar o jovem da situação de violência, possivelmente seu filho, que apresenta marcas vermelhas no rosto e está tentando se desvencilhar da mão de um soldado, que o aperta pelo pescoço, mirando, ambos, para outro ponto na foto, não revelado, não sendo possível, por isso, identificar o agressor. A partir da leitura da reportagem escrita, a qual a imagem pertence, observamos que estava ocorrendo um confronto na cidade de Hebron, também chamada “a capital do ódio”, onde palestinos de origem árabe manifestaram-se contra israelenses, sendo que a reportagem fala ainda da aceitação do líder Arafat à condenação de palestinos em Israel. No contexto, destacamos que aqui a revista explorou a imagem de uma mulher usando o véu e ocupando uma posição: a de mãe.

Na busca pelo enunciado discursivo, e tendo em vista os excertos que destacamos sobre o que a mídia apresenta para o ocidente do modo de ser da mulher muçulmana, vejamos em mais uma imagem outro uso do véu (Figura 2).

² Esta palavra deriva de misoginia, que do grego, significa ódio à mulher. Trata-se da aversão ou ódio às mulheres ou a tendência ideológica ou psicológica que consiste em desprezar a mulher. A misoginia tem sido considerada como um atraso cultural arraigado ao conceito de superioridade masculina, segundo o qual o papel da mulher é se dedicar exclusivamente ao lar e a reprodução (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2010).



Figura 2. “Opressão exposta: fanáticos islâmicos do Afeganistão prendem estrangeiros por filmar mulheres em hospital”.

Fonte: Bydlowski (1997).

Trata-se de uma imagem de mulheres muçulmanas sentadas em um banco de cor branca e, possivelmente, elas estão em um hospital-maternidade, em uma espécie de sala de espera. Elas usam burcas e véus na cor azul escuro, e talvez seja este o uniforme do hospital, não mostram o corpo, nem o rosto e tampouco os cabelos, apenas as mãos ficam expostas e elas podem ser vistas facilmente devido ao fato de as mulheres estarem segurando bebês no colo, inferindo-se, daí, que provavelmente sejam elas as mães das crianças. A leitura dessa reportagem escrita diz: “uma equipe de repórteres da CNN e a comissão para assuntos humanitários da comissão Européia foram detidos em Cabul, por filmarem e fotografarem mulheres em um hospital, o que é taxativamente proibido e reprimido pelo Ministério da Cultura e da Informação no Afeganistão”. A reportagem, apresentada na sessão “Sociedade” da revista, sugere que as mulheres estão segregadas em suas identidades corporais, até mesmo em um ambiente somente feminino.

Destacamos agora, no contexto dessas duas imagens midiáticas, que essas mulheres têm em comum a profissão da fé islâmica, porém, entre elas, já existem diferenças. O véu, no primeiro caso, revela tanto a posição de uma mãe desesperada para proteger seu filho em meio a um ambiente de hostilidade e militarismo, e a cor branca em meio ao verde militar, contribui para afirmar a pureza da mulher-mãe, mesmo em um ambiente de guerra. Já a segunda imagem eleva a posição da mulher-mãe ao seu lugar de relicário da santidade quando essa concebe um filho, e isso pode ser visto no vestuário de cor azul, incluindo o véu, afirmando a preservação da castidade e da pureza, além de distingui-las das mulheres que expõem seus corpos em adornos e que provocam desejos libidinosos nos homens, como sugere o “Alcorão”.

Nos excertos dessas duas reportagens distintas, apreendemos o modo como a mídia se pronunciou frente a esses acontecimentos e identificamos o primeiro enunciado discursivo: “A mulher muçulmana como mãe: submissão ao poder militar e institucional”.

Pouco depois do atentado às torres gêmeas dos EUA, a revista em questão trazia em suas páginas, além do fato em si e dos desdobramentos em torno dele, outros dizeres sobre os sujeitos femininos muçulmanos, diferentes do que a revista vinha espelhando até então. Isto é, de mulher que ocupa a posição de mãe sofrida pelos conflitos militares e que se submete às leis locais, ela passa a ser enunciada como a mulher que possui uma função social, independente financeiramente e vaidosa com a aparência, como segue (Figura 3).



Figura 3. “Cineasta iraniana Samira Makhmalbaf”.
Fonte: Rebelião... (1998).

A imagem revela a posição de um sujeito feminino: a cineasta iraniana Samira Makhmalbaf. Na foto, ela usa um véu preto, cobrindo somente parte da cabeça e os cabelos já começam a ser vistos, é uma mulher jovem de dezoito anos, os olhos são marcados por maquiagem e os lábios delineados pelo batom de cor vermelho claro, usa esmalte, brincos e a foto parece ter sido captada em um jardim. Ela aparenta estar calma e ser uma mulher politizada, pois já na imagem se vê que ela investe contra as leis

do “Alcorão”, uma vez que as mulheres não podem exibir partes do corpo ou da cabeça e ter atitudes, ou então usar ornamentos e produtos de estética, pois esses seriam aliados para atrair os olhares do homem, e, por isso, são proibidos. A reportagem verbal que acompanha a imagem diz que “fartos do isolamento e das leis medievais, os iranianos desafiam o poder dos aiatolás, desfrutando de costumes ocidentais como antena parabólica, paquera em público, cabelos à mostra, unhas feitas e sandálias plataforma”. No contexto em que se observa a data da reportagem (1998), o que se compreende é que a mídia já vinha explorando o contexto cultural e o modo de ser e de viver das facções dos povos do oriente, mesmo antes do ocorrido nas torres gêmeas, despertando, deste modo, nos leitores do ocidente, para outros acontecimentos, no caso, que nem todos os sujeitos femininos agem em função de conflitos, guerras e vivem sob a submissão das rígidas leis locais. Isso fica mais evidente quando, no fio do discurso, observamos a série enunciativa que segue a essa reportagem (Figura 4).



Figura 4. “De nariz novo: plástica nasal é a moda entre as iranianas”.
Fonte: De nariz novo... (2000).

O que se vê na figura acima, veiculada pela revista em 2000, pouco antes do suposto atentado às torres gêmeas dos EUA, é que são dois sujeitos que personalizam outras mulheres iranianas. Elas conversam em um local urbano, possivelmente em uma rua, sendo que uma delas está com um curativo, pois fez uma cirurgia plástica no nariz. As duas mulheres estão de burca, usam o véu que cobre parte da cabeça, mas deixam parte do cabelo à mostra. As enunciações verbais apresentadas na chamada da reportagem: “De nariz novo: plástica nasal é a moda entre as iranianas”, bem como a legenda que acompanha a foto: “Iraniana com curativo da cirurgia plástica: sinal de riqueza” sugere que os sujeitos femininos iranianos que ostentam riqueza, aderiram à modernidade, pois estão fazendo

cirurgias plásticas no nariz, o que se reitera no excerto da reportagem: “De véu colorido, cobrindo somente a cabeça, mostrando o cabelo, mulheres de meia idade de Teerã, usando batom, esmalte e óculos escuros, podem ser consideradas modernas”. Na leitura entre o verbal e o não verbal o que a mídia apresenta nesta reportagem é que se o rosto feminino é uma das únicas partes do corpo que algumas mulheres arriscam mostrar nas ruas de Teerã, há mulheres que também estão fazendo cirurgia plástica, no caso, no nariz, mas são mulheres que ostentam e revelam *status* econômico e social mais elevado. A mulher muçulmana “moderna” é apresentada para os ocidentais, via mídia, como uma mulher que se identifica com os costumes da mulher deste lado do mundo, buscando criar identificações que se assemelham. Mas, não é somente a plástica que caracteriza o ser moderno para esses sujeitos, pois há também os estudos, como segue (Figura 5).



Figura 5. “Adolescentes estudantes em sala de informática”.
Fonte: Rydlewski et al. (2005).

O que se vê na imagem acima, veiculada na revista, é que são mulheres jovens muçulmanas, em uma sala de informática, usando a internet. Todas trajam um longo véu branco que cobre o corpo todo, e que possivelmente compõem o uniforme, sugerindo, assim, que elas estão em uma escola. Elas mostram apenas o rosto, não mostram os cabelos e tampouco usam maquiagem.

Nos elementos enunciativos verbais da reportagem é revelado que, com “a criação da Corporação da Internet para a Designação de Nomes e Números (Icann), que é o sistema nacional que cuida para que a internet funcione, o impacto da *web* chega às escolas islâmicas em Cingapura”, derivando disso, a inserção do sujeito feminino islâmico, que ocupa a posição de estudantes, também no mundo virtual. Destacamos

também que a data da reportagem é de 2005, ou seja, quatro anos após o atentado aos EUA, e a chamada da reportagem diz: “Você entregaria a rede a eles? O Brasil alia-se a burocratas da ONU e a ditaduras para tentar consertar o que está quebrado”. No contexto, a notícia explora a filiação do Brasil às redes reais (alianças entre “burocratas da ONU e ditaduras”), mas por meio de acordos que solidificam as redes virtuais, em meio a conflitos entre os EUA e a ditadura dos muçulmanos. Por outro lado, contrastando com os elementos verbais, o que a mídia apresenta na imagem são meninas-mulheres, de branco, sinalizando para um estado de pureza, de leveza, e todas estudando na rede da internet. Com isso, a mídia passa a imagem de um país moderno, em que seus estudantes têm a possibilidade de estudar, de se informar, de aprender, e, para tanto, recorrem à imagem de mulheres (castas e puras).

Destacamos, na análise desses três últimos excertos, que a mídia brasileira evidenciou, nos anos em torno do atentado (antes e depois), variados olhares aos leitores brasileiros na identidade de como é a mulher muçulmana, mas, atrelando-a, agora, ao mundo moderno. Ou seja, uma mulher diferente do primeiro bloco enunciativo analisado anteriormente, quando se observavam situações de conflito entre os muçulmanos. Em torno do conflito que antecede e sucede o suposto ataque entre americanos e muçulmanos, a mídia mostra uma mulher moderna, que reflete o desejo de participar da vida pública, de mostrar sua vaidade e beleza, de se inserir no mercado de trabalho. Por outro lado, talvez para amenizar politicamente a situação em torno de conflitos, a mídia funciona como “abrandamento” e “apacamento” das rivalidades, por meio de demonstrações enunciativas, por exemplo, que revelam um oriente que não tem somente seu lado terrorista, já que a revista recorre à imagem da mulher muçulmana para assim o demonstrar. Uma mulher consciente de suas tradições, já que, para elas, o uso do véu se coaduna bem com a modernidade.

O segundo eixo enunciativo discursivo que destacamos das reportagens acima é: “A mulher muçulmana como profissional moderna: trabalho, vaidade e aprendizagem”.

Até então, foi possível analisar dois grupos enunciativos ou duas formações discursivas sobre o modo de ser da mulher muçulmana que se destacaram na mídia: a de mãe submissa aos poderes locais e a da profissional moderna e vaidosa. Contudo, também em torno do período em que se deu o atentado dos países árabes aos EUA, a mídia

explorou outras facetas e imagens das mulheres muçulmanas, e um terceiro eixo enunciativo também se revelou reiterativamente nas reportagens, e elencamos alguns, como se vê abaixo (Figura 6).



Figura 6. “Benazir: planos de retorno ao poder”.
Fonte: Klintonitz (1996).

Temos na imagem, a então primeira ministra do Paquistão, Benazir Bhutto. Ela usa um véu branco deixando aparecer os cabelos, maquiagem, brincos e colar. Talvez o mito do sujeito feminino “Benazir”, que ocupa a posição de uma figura pública e articulada politicamente, tenha conquistado e incentivado o desejo de outras mulheres muçulmanas a se vestirem e pensarem como ela, derivando disso, imagens que foram veiculadas, a partir de 1997, referindo-se às mulheres muçulmanas modernas, apesar do acontecimento do atentado. A escrita jornalística do texto confirma a legenda, pois se lê que “a primeira ministra paquistanesa, uma das poucas mulheres a chegar ao poder num país muçulmano, é presa em sua casa depois de um suposto golpe de estado e após 3 anos no poder, mas promete voltar a candidatar-se”. Deste modo, o véu feminino de Benazir funcionou na mídia como reiteração de enunciados que refletem não somente o poder masculino, mas, também, o poder feminino, diferente, portanto, do modo como

foi apresentado nas notícias anteriores. Outra mulher muçulmana politizada também se destacou na mídia (Figura 7):



Figura 7. “A iraniana Fahrad: Presidência”.
Fonte: Registrada... (2001).

Na imagem, o que se vê é outra líder política, a iraniana Fahrad Khosravi, em entrevista aos repórteres. Ela usa um véu preto, que cobre a parte superior do corpo, não mostra os cabelos, só o rosto, não usa maquiagem e aparenta certo recato. O texto verbal da reportagem diz: “Fahrad Khosravi e Touran Jamile (outra mulher que não aparece na imagem), lançam sua candidatura à presidência do Irã, porém devem ter sua candidatura aprovada por uma entidade religiosa que decide os candidatos adequados”. A mídia reitera o que já dissera na reportagem anterior, ou seja, é mais uma mulher que se inseriu na política, como uma das primeiras a disputar a posição de presidente do Irã. Contudo, as candidaturas desses sujeitos têm que ser aprovadas: “por uma entidade religiosa que decide os candidatos adequados”, e quem compõe as entidades religiosas no Irã são homens, que se baseiam em leis do “Alcorão”, ou seja, as mulheres dificilmente entrariam na política, derivando disso a reiteração da condição feminina, ou seja, que elas não seriam “candidatos adequados”. Vejamos mais uma imagem do posicionamento de sujeitos femininos muçulmanos apresentados e veiculados pela mídia nesta direção (Figura 8).



Figura 8. “Apoio ao terror”.
Fonte: A Guerra... (2001).

Logo após o atentado terrorista, uma das reportagens midiáticas que destacamos diz respeito à imagem acima, que revela duas jovens mulheres na rua, trajando véu preto e deixando à mostra somente os olhos e as mãos, sendo que uma delas empunha um cartaz com a imagem de Osama Bin Laden com o dizer “INNOCENT”. Na chamada escrita intitulada “Apoio ao terror”, lê-se que os “Estados Unidos mobilizam sua máquina militar para uma campanha global contra o terrorismo. Será uma luta sem prazos e com métodos que forem necessários”.

No auge do conflito, admiramos que a mídia tivesse explorado a imagem de duas mulheres paquistanesas, que estão em Londres, em frente à embaixada do Paquistão, sendo que em quase todas as reportagens veiculadas pela mídia o que se lia era exatamente o contrário disso, ou seja, no caso, elas estão se manifestando contra o apoio do Paquistão aos EUA, portanto, elas estão apoiando Osama Bin Laden, denominando-o “inocente” na questão do atentado terrorista aos EUA. Elas são, portanto, sujeitos femininos que ocupam a posição de se inserir em uma causa política, mas, diferente das duas reportagens anteriores, pois, aqui, são sujeitos comuns que prestam apoio ao líder muçulmano, sujeito central como alvo de réu aos supostos ataques terroristas aos americanos. A seguir, mais uma e última imagem, agora enunciando especificamente sobre o uso do véu nas mulheres muçulmanas (Figura 9).



Figura 9. “Chirac quer abolir o uso de ‘símbolos religiosos ostensivos’ nas escolas francesas: alvo é o véu islâmico”.
Fonte: Ribeiro (2004).

Em 2004, outras manifestações de sujeitos muçulmanos femininos, além da observada na reportagem anterior, foram destacadas na mídia, revelando, de modo mais explícito, as decorrências políticas advindas dos países que apoiaram os EUA depois do atentado e, portanto, posicionando-se contra os muçulmanos, sendo que um deles foi a França. Uma dessas notícias foi a que figurou na imagem acima, em que se vê uma mulher jovem, usando véu branco e casaco de lã preto, mostrando só o rosto que está maquiado e pintado com as cores da bandeira francesa, com os seguintes dizeres: “*liberté*” e “*égalité*” (“liberdade” e “igualdade”), remetendo a memória dos ideais da Revolução Francesa: “Liberdade, Fraternidade e Igualdade”. Na escrita, a origem da moça não é citada, mas se lê que a jovem muçulmana participa de uma manifestação a favor do uso do véu, pois o então presidente francês Jacques Chirac assinou um decreto que proibia o uso do véu em certas instituições públicas como universidades, teatros, cinemas etc., causando o protesto das mulheres muçulmanas que vivem naquele país. É, portanto, uma manifestação política de um sujeito feminino muçulmano pelo direito de usar o véu. Neste sentido, o uso do véu significa o símbolo da tradição, do respeito à pátria, das raízes culturais das mulheres. Mas isso não é explorado na

notícia midiática, veiculando já no título que esses “símbolos religiosos são ostensivos nas escolas francesas”, apagando, desse modo, outros dizeres, neste contexto dos conflitos, sobre o uso do véu nas mulheres do Islã.

Nas quatro reportagens analisadas, em que se buscou, embora rapidamente devido à natureza desta pesquisa, relacionar o verbal com o não verbal, foi possível identificar o terceiro grupo enunciativo discursivo do sujeito feminino muçulmano, que se distingue dos anteriores, pois esse revela “a mulher muçulmana politizada: a busca pelo poder e engajamento nos acontecimentos políticos”. Diferente, portanto, das formações discursivas anteriores que diziam respeito à mãe submissa aos poderes locais e à profissional moderna e vaidosa.

Os excertos midiáticos verbais e não verbais destacados acima apontaram, mediante o movimento da análise discursiva sob o foco da noção de sujeito em Foucault, para três modos de formação de discursos sobre o modo de ser da mulher muçulmana. A seguir, traçaremos algumas ponderações finais sobre eles.

Considerações finais

Neste trabalho, objetivamos analisar discursos midiáticos que enunciam sobre o modo de ser das mulheres muçulmanas e que circularam na revista “*Veja on-line*”, no período compreendido entre 1995 e 2005, considerando a relação do verbal com o não verbal, cujo signo que se apresentou constante entre elas, inicialmente, foi o véu. Para tanto, recorreremos à noção de sujeito em suas relações com o saber e o poder, como o expôs Michel Foucault.

Foi possível compreender que a mídia, vista neste trabalho como veiculadora de posicionamentos de sujeitos e que constrói opiniões e saberes sobre os objetos de que fala, além de deter poderes, veiculou, até meados da década de 90, a imagem do véu no sujeito feminino muçulmano que condiz com a posição de mulher-mãe acompanhada de seus filhos; uma mulher sofrida, submissa, em meio aos conflitos de guerra, em situações de opressão, desrespeitada, enfileiradas em bancos de maternidades, sem voz nem autoridade. Isso se evidenciou enunciativamente em uma formação discursiva que revela a identidade desses sujeitos, destacada por nós como: “a mulher muçulmana como mãe: submissão ao poder militar e institucional”.

De meados da década de 90 até o início de 2000, as análises revelaram que foram retratados em

grande quantidade na mídia brasileira, posicionamentos midiáticos que exploraram outros dizeres, distintos do anterior, sobre o véu na mulher muçulmana. Neste momento, a revista operou dando grande visibilidade a essas mulheres, pois elas passaram a ser enunciadas em diversos gêneros e sessões como: reportagem de capa, notas, publicidades comerciais, sessão de beleza. Neste período, as mulheres são enunciadas como as que buscam conquistar o espaço público e não somente circunscritas ao âmbito doméstico e ao de ser mãe. Neste momento, percebemos que os sujeitos femininos muçulmanos, mesmo atrelados aos costumes tradicionais impostos pela religião, são apresentados pela mídia como aderindo à modernização, sendo que elas começam a reivindicar a sua condição feminina através do trabalho, uso de jóias, maquiagem, deixando os cabelos à mostra, fazem cirurgia plástica, recorrem a aprendizagens no uso da informática etc. Neste bloco enunciativo, outros pronunciamentos identitários de sujeitos femininos muçulmanos foram, portanto, explorados pela mídia e se fizeram presentes. Assim, destacamos “a mulher muçulmana como profissional moderna: trabalho, vaidade e aprendizagem”.

Após o suposto ataque terrorista ocorrido em 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas do *World Trade Center*, nos EUA, foram criadas diversas estratégias midiáticas que reforçam esse grande acontecimento político real, também no âmbito dos pequenos discursos, no caso, sobre as mulheres muçulmanas. Na década de 2000, a revista “Veja *on-line*” explorou outro foco enunciativo sobre o véu na mulher muçulmana, uma vez que, depois do atentado, as notícias passam a veicular uma mulher reivindicando e lutando ativamente por seus direitos em participar, escolher e opinar na vida política e nos acontecimentos públicos e sociais. Desse modo, o que é veiculado na revista é que a mulher muçulmana, agora, é uma mulher engajada nas lutas políticas, ideológicas e de poder, sem perder, contudo, o respeito a sua tradição religiosa, e isso pode ser visto aqui, por exemplo, no que diz respeito ao uso do véu. Esta formação discursiva indica para outra identidade feminina do sujeito em questão, qual seja: “A mulher muçulmana politizada: a busca pelo poder e engajamento nos acontecimentos políticos”.

Nos três posicionamentos, o véu, no entanto, não deixa de ser um signo explorado pela mídia, para identificar as mulheres, já que esta revelou sujeitos femininos muçulmanos em suas relações, ou de

submissão ou de enfrentamento, com os mecanismos do poder.

No sentido exposto, nossa pesquisa também revela que, tanto antes como depois do acontecimento real ao suposto ataque terrorista, outros pequenos acontecimentos foram sendo pronunciados enunciativamente pela mídia, como este que demonstramos neste trabalho, que apresenta identidades diferenciadas expostas pela mídia sobre as mulheres muçulmanas, e devido a isso é que também se pode compreender o que Foucault (1999, p. 32) afirma: “o enunciado é sempre um acontecimento” e que “o enunciado é uma função existencial” (FOUCAULT, 1995, p. 99), uma vez que os acontecimentos da vida se inserem nos dizeres sobre os sujeitos, no caso, dizeres enunciativos midiáticos sobre o sujeito feminino muçulmano. Isso só pode ser observado, entretanto, quando analisamos esses discursos midiáticos, pois, nas leituras individuais dos textos, dificilmente conseguiríamos apreender estes movimentos da função enunciativa e os mecanismos de saberes em relação aos poderes que engendram, além do que a mídia, consciente ou não, expõe isto aos leitores, derivando disso a importância das análises.

É deste modo que se percebe de que modo a noção de sujeito em Foucault mobiliza o analista para que esse estabeleça relações advindas não somente de saberes, mas também de poderes que os engendram. No caso deste trabalho, as relações de poderes são diversas. Elas advêm tanto dos sujeitos que exercem o poder sobre as mulheres muçulmanas, e no caso, o que a mídia apresentou são os de alguns sujeitos, quais sejam: os homens, os militares, os que elaboraram o regime das leis locais e também os que aprovaram as leis estatais de outros países dependendo das circunstâncias históricas. Mas, o poder também pode ser apreendido em movimentos mais sutis, por aqueles que o recebem e estão sob o jugo de poderes maiores, vamos dizer assim, e que buscam mecanismos para driblá-los, no caso, os poderes exercidos pelos sujeitos femininos muçulmanos em práticas diversas de subjetivação e objetivação: nos conflitos; na submissão as regras; no trabalho; na mostra pela vaidade e beleza; no ensino; na política; e nos seus direitos frente às tradições.

Nesta relação pelas múltiplas buscas de suas identidades, o que se percebeu, então, na análise, é o que Foucault (1999) denominou de “micro-poderes”, e que são exercidos, cada qual ao seu modo, por ambos os lados, embora em determinados momentos da história prevaleça um sobre o outro. Nossa pesquisa também demonstrou isso, pois há irrupções

de poderes que vão se forjando e formando na busca pelas identidades, sendo que elas não são homogêneas, padronizadas, única, mas múltiplas, distintas e, deste modo, vão revelando exercícios de poderes uns sobre os outros. Identidade e diferença, deste modo, são mecanismos exercidos pelas relações de saberes e poderes e indicam mecanismos de inclusão e de exclusão, de ascensão e silenciamentos dentro de fronteiras demarcadas. Neste caso em particular, esses discursos se evidenciaram e foram propagados pela mídia.

No contexto, a mídia também funciona, reforça e corrobora esses exercícios de poderes, e, também ela, acredita ser detentora de “verdades” e de saberes sobre os temas (objetos) de que fala e que veicula aos seus leitores. Isto pode ser visto, pois a mídia gesta, gera e veicula dizeres que criam mecanismos, por meio de tecnologias próprias, de subjetivação, pois ela se impõe como mediadora entre as práticas identitárias reais e as opiniões advindas também de saberes de tantos outros sujeitos que a compõe e a mantém, no caso, saberes advindos: das mulheres, dos jornalistas, dos fotógrafos que capturaram as imagens, dos modos como foram feitas as edições pelos editores. No contexto, a mídia também funciona como mediadoras de sujeitos, institucionais ou com a assinatura dos mesmos, que se dá a ver pelos saberes que veicula e pelos poderes que julga ter, operando como agenciadoras da memória, da história, e buscando “fundar verdades” nos leitores, formando opiniões, muitas vezes, nem sempre verdadeiras. Disso deriva a necessidade de olhares analíticos que as desmistifiquem, como foi o caso dos nossos olhares para os modos de ser da mulher muçulmana, sob a ótica discursiva de Foucault.

Referências

- A GUERRA será suja e longa: Estados Unidos mobilizam sua máquina militar para uma campanha global contra o terrorismo. Será uma luta sem prazo e com os métodos que forem necessários. **Veja**, ano 34, n. 38, p. 44-51, 2001. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 13 set. 2010.
- ALCORÃO. Mansour Challita (Trad.). Rio de Janeiro: Record, [s.d.].
- ARAÚJO, I. L. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: UFPR, 2001.
- BARBOSA, P. N. **Análise do discurso e o diálogo entre jornalismo e história**. Sessão de debates do XIX ENANPOL, 2004. Disponível em: <http://www.geocities.ws/gt_ad/pedronavarro.doc>. Acesso em: 20 jul. 2010.
- BYDŁOWSKI, L. Opressão exposta: fanáticos islâmicos do Afeganistão prendem estrangeiros por filmar mulheres em hospital. **Veja**, ano 30, n. 40, p. 50, 1997. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 13 set. 2010.
- DAVALLON, J. Uma arte de memória. In: ACHARD, P. (Org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed., v. 1. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DELEUZE, G. **Foucault**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1998.
- DE NARIZ NOVO: plástica nasal é a moda entre as iranianas. **Veja**, ano 33, n. 40, p. 105, 2000. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 13 set. 2010.
- DICIONÁRIO MICHAELIS. São Paulo: Melhoramentos, 2010.
- FLORENCE, M. Foucault. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Michel Foucault: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 234-239. (Coleção Ditos & Escritos, v. V).
- FONSECA, M. A. A preocupação com o sujeito e o poder. In: FONSECA, M. A. (Ed.). **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ, 2003.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GREGOLIN, M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007. Disponível em: <http://www.revistacmc.espm.br/index.php/revista_cmc/article/viewArticle/117>. Acesso em: 12 jul. 2010.
- GREGOLIN, M. R. **O discurso, o sujeito e a história em A Arqueologia do Saber: Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. 2010. Disponível em: <<http://www.cibermedia.blogspot.com/2008/02/o-discurso-o-sujeito-e-historia-em.html>>. Acesso em: 12 ago. 2010.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: HALL, S. (Ed.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes: 2000. p. 103-133.
- KLINTOWITZ, J. Golpe dentro da lei. **Veja**, ano 29, n. 46, p. 54, 1996. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 13 set. 2010.
- LE GOFF, J.; NORA, P. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- REBELIÃO silenciosa: fartos do isolamento e das leis medievais, iranianos desafiam o poder dos aiatolás. **Veja**, ano 31, n. 46, p. 62-63, 1998. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 13 set. 2010.
- REGISTRADA: a candidatura das duas primeiras mulheres a disputar uma eleição presidencial no Irã desde a Revolução Islâmica, em 1979. **Veja**, ano 34, n. 18, p. 118-119, 2001. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 13 set. 2010.

RIBEIRO, A. O grito do islã na Europa: a revalorização das tradições religiosas entre as novas gerações é um fenômeno que pode mudar a vida dos 11 milhões de muçulmanos europeus. **Veja**, ano 37, n. 2, p. 50-53, 2004. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 13 set. 2010.

RYDLEWSKI, C.; SILVA, C.; MENDES, F. Você entregaria a rede a eles? O Brasil alia-se a burocratas da ONU e a ditaduras para tentar consertar o que está quebrado. **Veja**, ano 38, n. 47, p. 110-113, 2005. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/acervo digital/home.aspx>>. Acesso em: 13 set. 2010.

WAACK, W. A paz dos fracos. **Veja**, ano 28, n. 42, p. 50-56, 1995. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 13 set. 2010.

Received on September 16, 2010.

Accepted on April 5, 2011.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.